

Uma análise e crítica do pensamento teórico em Herman Dooyeweerd

Heros Falcão Araújo

Licenciando em Filosofia da Universidade Estadual do Piauí

E-mail: herosfaraujo@hotmail.com

Recebido em: 09/01/2019.

Aprovado em: 28/03/2019.

Resumo: Este trabalho tem como foco principal a apresentação e breve explicação da filosofia de Herman Dooyeweerd, mais precisamente sua crítica ao pensamento teórico. Filósofo e Jurista holandês, Dooyeweerd desenvolve uma crítica construtiva de grande importância para a discussão dos limites da razão e do conhecimento, por meio de uma crítica transcendental. O *insight* dooyeweerdiano de reformular a ideia neocalvinista de Kuiper da Teoria das Esferas mostrou-se muito importante no desenrolar de uma discussão acerca da constituição da realidade cosmológica. Exponho de forma simples a maneira que essas esferas modais nos possibilitam uma experiência com o cosmos e como isso nos leva a uma crítica epistemológica não reducionista. Por último, concluo comentando os quatro *motivos-base* e o porquê do motivo cristão ser diferente dos demais.

Palavras-chave: Dooyeweerd. Motivo-base. Crítica.

An analysis and critique of theoretical thinking in Herman Dooyeweerd

Abstract: This work has as main focus the presentation and brief explanation of the philosophy of Herman Dooyeweerd, more precisely his critique of the theoretical thought. Dutch philosopher and jurist, Dooyeweerd develops a very important constructive critique for the discussion of the limits of reason and knowledge by means of transcendental criticism. The Dooyeweerdian insight of reformulating Kuiper's neocalvinist idea of the Theory of Spheres proved to be very important in the course of a discussion of the constitution of cosmological reality. I expose in the simple way as which these modal spheres allow us an experience with the cosmos and how it leads to a non-reductionist epistemological critique. Finally, I conclude by commenting on the four basic motifs and why the Christian motif is different from the others.

Keywords: Dooyeweerd. Base-motive. Criticism.

Apresentação

Herman Dooyeweerd (1894-1977), filósofo e jurista holandês, cristão, nascido em Amsterdã,¹ foi um dos teóricos que se propuseram a construir uma crítica transcendental do pensamento. Influenciado por seu pai, sr. Dooijeweerd, estudioso das ideias de Abraham Kuyper (1837-1920), fundador do partido Anti-Revolucionário e Primeiro-Ministro dos Países Baixos. Dooyeweerd seguiu com a tradição de Kuyper para desenvolver uma filosofia cristã própria baseada em uma crítica transcendental² cosmonômica, apresentada na sua obra *A New Critique Of Theoretical Thought*³, dividida em quatro volumes. Mais tarde, seu trabalho resumido seria publicado em língua portuguesa em *No crepúsculo do pensamento ocidental*.⁴

Estimulado pelo movimento neocalvinista de Kuyper, surgido durante o final do século XIX como uma tentativa de interpretar e reconstruir a realidade social e política na Holanda à luz de uma visão cristã, Dooyeweerd sempre buscou compreender e expor, de fato, os limites e direcionamentos da atividade racional teórica, apresentada por ele não somente como pura, científica, epistemológica ou neutra, mas intrinsecamente ligada ao que ele vai nomear de “motivo-base religioso”. Para o filósofo holandês, criou-se na modernidade uma espécie de autonomia da razão em que se compreende que o indivíduo humano pode agir de forma livre ou neutra, sem “compromissos” extrafilosóficos, o que Dooyeweerd chama de compromissos pré-teóricos e suprateóricos, sendo condição necessária para o surgimento de uma teoria (SMITH, 2018).⁵ Segundo Smith (2018),⁶ a ideia ou proposta de uma razão “pura” seria uma ilusão, “[...] um mito, uma pretensa autonomia” (SMITH, 2018, p. 27), visto que os impulsos humanos sempre partem de um fundamento, ou *arché*, que se encontra entre os quatro “motivos-base”.

Esses motivos-base se devem à sua característica religiosa. São eles: forma-matéria (grego), criação-queda-redenção (cristã), natureza-graça (escolástico, medieval) e natureza-liberdade (humanista, iluminista). O *dogma da autonomia da razão* se configura como “[...] uma das principais características da modernidade, a qual propaga a ideia de que crenças religiosas dizem respeito estritamente a uma esfera privada da vida e que a produção intelectual nada tem a ver com essas crenças” (REICHOW, 2019, p. 19). A respeito disso, o principal objetivo de Dooyeweerd é apresentar uma crítica do pensamento teórico como um

tudo, expondo sua inescapável dependência de um absoluto, que se traduz em um aspecto religioso.

A ideia de uma ontologia modal

Em primeiro lugar, é importante observar a problemática por trás da crítica de Dooyeweerd. A ideia de uma filosofia cosmonômica, um dos nomes que caracterizam sua filosofia, parte de uma visão da totalidade da existência do ser humano conectado com a realidade cosmológica em que este está inserido. Para Dooyeweerd, o universo é uma criação organizada. Essa organização possui leis e uma ordem própria advinda do Criador. A discussão em torno do conhecimento se torna uma questão a ser analisada nesse momento, pois, o ser humano, inserido no mundo de possibilidade, entra em contato constantemente com vários tipos de experiências. As maneiras pelas quais essa experiência acontece são descritas por Dooyeweerd através das esferas modais da realidade (DOOYEWEERD, 2014).

Dooyeweerd (2014) acredita que a experiência que temos com a realidade se dá através de quinze esferas modais. Em outras palavras, a atitude teórica é descrita pelo filósofo holandês da seguinte maneira:

Ela [atitude teórica] apresenta uma estrutura antitética na qual o aspecto lógico de nosso pensamento opõe-se aos aspectos não lógicos de nossa experiência temporal. Para compreender essa relação antitética é necessário ter em mente que nosso pensamento teórico é limitado pelo horizonte temporal da experiência humana e se move dentro deste horizonte. Dentro da ordem temporal, essa experiência apresenta grande diversidade de aspectos fundamentais, ou modalidades, que em primeiro lugar, são aspectos do próprio tempo. Estes aspectos não se referem, como tais, a um concreto que, isto é, a coisas ou eventos concretos, mas apenas a um como, i. e., o modo particular e fundamental, ou a maneira pela qual os experimentamos. (DOOYEWEERD, 2018, p. 47-48).

O interessante notar é o papel interpretativo do sujeito que experiencia. A atitude pré-teórica seria esse material apreendido no primeiro contato, uma espécie de primeira impressão. Sobre isso, Reichow (2019) comenta que ela “[...] não se apresenta dividida, antes, é integral e inquebrável” (REICHOW, 2019, p. 78). Isso mostra como a compreensão de Dooyeweerd é de apresentar o *cosmos* como toda realidade criada, estrutural e que possui sentido⁷.

O sentido da realidade se traduziria pelo significado. Já explicando a questão da interpretação, “[...] realidade é significado, haja vista ser uma doação do Criador. Tal significado é como a luz do sol refratada em um prisma, adquirindo diferentes cores e nuances, mas advindos da mesma fonte” (REICHOW, 2019, p. 78).

Além dessas formas de experienciar a realidade criada, o sujeito tem o papel de traduzir esse material em forma teórica. Agora que aparece a concepção diferenciada na filosofia de Dooyeweerd: enquanto na modernidade a antítese razão-experiência subjugou todo o processo de conhecimento através da razão humana, em Dooyeweerd a tradução dessas esferas se dirige para o *ego* humano ou *corações* (REICHOW, 2019). Sobre o caráter religioso e absoluto contido em cada motivo-base, irei retornar mais a frente.

Um dos principais problemas oriundos de uma má compreensão das esferas modais é o que Dooyeweerd vai chamar de reducionismo⁹. Há um princípio, pelo qual se entende que cada esfera de lei possui sua própria ordem e espaço dentro da realidade, e que qualquer tentativa de sobrepor um dos aspectos modais aos demais, tornando absoluto e universal, se definiria nessa espécie de reducionismo. O “núcleo irredutível” das esferas modais é o que mantém a pluralidade de formas de experiência (DOOYEWEERD, 2014). Portanto, o erro se encontra justamente em reduzir a “[...] realidade a apenas um ou dois aspectos modais particulares em detrimento dos demais [...]” (DOOYEWEERD, 2014, p. 25). E ainda sobre a constituição desses modos de experiência, ele diz que “[...] não são autoexistentes e autônomos, mas sim mutuamente dependentes – hierarquicamente organizados, mas interdependentes – e, conjuntamente, apontam para uma dependência ainda maior em relação ao Criador.” (DOOYEWEERD, 2014, p. 25)

Alguns desses exemplos de reducionismo na história, como materialismo, biologismo e historicismo¹⁰, são modos de como se configura esse erro de tornar absoluto e universal algo que, por sua natureza, não o é (DOOYEWEERD, 2018). Dooyeweerd ainda fala que “[...] nenhuma dimensão do cosmos, previamente abstraída, pode ser, de fato, a origem do cosmos [...]” (DOOYEWEERD, 2014, p. 24). Esses reducionismos levariam ao que ele chama de “idolatria”, que configuraria a “[...] absolutização de um dos aspectos modais [...]” (DOOYEWEERD, 2018, p. 29).

As quinze esferas modais de experiência são: pística; ética; jurídica; estética; econômica; social; simbólica (ou linguística); histórica; analítica (ou lógica); sensitiva (ou sensorial); biótica; física; cinemática; espacial; e aritmética (ou numérica).¹¹

Portanto, é necessário observarmos como a ideia de reducionismo acontece em Dooyeweerd. Para tanto, é importante mencionar a antropologia dooyeerdiana,¹² ou seja,

nos dirigir à pergunta “quem é o homem?”. Resumidamente, podemos dizer que a partir da análise desses modos de experiência com o *ego* humano, Dooyeweerd vai dizer que “[..] o verdadeiro ponto de partida do pensamento filosófico não pode ser o próprio *ego*, que é uma noção vazia. Só pode ser o motivo básico religioso operativo no *ego* como o centro de nosso horizonte temporal de experiência.” (DOOYEWEERD, 2018, p. 76).

Ou seja, a experiência apreendida vai ser guiada através do *ego*, que por sua vez é direcionado a um absoluto de caráter religioso, um motivo-base. Dessa maneira, a atividade teórica é direcionada a partir das lentes de um absoluto supratemporal. E por fim, esse absoluto é disposto por um dos quatro motivos-base religiosos.

Os quatro motivos-base e o caráter religioso

Antes de explicar cada motivo-base, faz-se necessário esclarecer a ideia de religião em Dooyeweerd. Ele a define como “[...] o impulso inato da personalidade humana a dirigir-se à verdadeira ou a uma pretensa Origem absoluta de toda a diversidade temporal de significado, que se encontra focada concetricamente em si mesma”. (DOOYEWEERD, 1984, p. 57).

A respeito do que comentei anteriormente, o *ego* ou *coração* humano é o ponto de partida de toda prática teórica de pensamento. Albert Wolters o define nos seguintes termos: “[...] unidade transcendental que possibilitaria ao homem, na atitude teórica de pensamento, a síntese entre os aspectos lógicos e não lógicos da experiência. Por essa razão, Dooyeweerd referiu-se ao coração como Ponto Arquimediano do pensamento.”¹³

Resumindo, toda e qualquer prática teórica parte de uma origem, uma *arché*. Esse ponto central se encontra no *ego* humano, daí vem a sua conceituação como *Ponto Arquimediano*¹⁴. O coração humano, por sua vez, sempre está direcionado a um absoluto supratemporal, que é a base do conceito de religião para Dooyeweerd. Esse motivo-base é de caráter puramente religioso, pois buscar analisar e interpretar a totalidade de realidade por meio de um só aspecto. Desse modo, entende-se que o dogma da autonomia da razão, propagado principalmente na modernidade, é um mito. Nenhuma atividade de cunho teórico, seja filosófica ou científica, é neutra em si mesma. Ela sempre vai obedecer à um direcionamento religioso básico.

Visto isso, faz-se necessária uma breve explanação dos quatro *motivos-base*.¹⁵ Na concepção dooyweerdiana, esses motivos-base estão em um conflito, uma antítese interminável e indissolúvel (DOOYEWEERD, 2018).¹⁶

a) Matéria e Forma

Partindo do universo grego antigo, observa-se claramente a busca por um fundamento de todas as coisas (*arché*). A grande questão, presente nos mitos e ressaltada já na Filosofia, da busca por uma essência ficou claro no “dualismo matéria e forma”. (Reichow, 2019, p. 101). Seria então o caso de um conflito religioso, “no que concerne a ideia de origem, contendo de um lado, as antigas religiões da natureza e, de outro, a nova religião cultural dos deuses olímpicos.” (REICHOW, 2019, p. 102). A parte da “matéria” é relacionada às religiões da natureza, e à forma das religiões culturais.

b) Criação, Queda e Redenção.

Para esse, Dooyeweerd faz uma diferença em relação aos demais. Como a realidade é criada por Deus no Cristianismo, logo, toda a realidade do *cosmos* possui uma estrutura de funcionamento que se encaixa, de certa maneira, com a visão posta pelo próprio Arquiteto. “A partir do motivo-base bíblico, todo o cosmo é criação de Deus. A criação – mundo material – não é má em si, pois traz consigo o sentido e significado atribuídos pelo criador”. (REICHOW, 2019, p. 105) Portanto, a visão cristã é a única que não comete reducionismos, visto partir de um absoluto fundador de toda a ordem cósmica, o próprio Deus.

c) Natureza e Graça.

Segundo Dooyeweerd, na época medieval houve um esforço de tentar conciliar a visão grega da realidade e a visão cristã. O resultado disso, visto mais claramente em Tomás de Aquino, é o dualismo natureza-graça. Nas palavras do filósofo, seria “[...] uma clara separação entre natureza e sobrenatureza, ou seja, entre um mundo natural e um mundo sobrenatural (graça).” (REICHOW, 2019, p. 110).

d) Natureza e Liberdade.

Encontramos a fonte já nos preâmbulos da forma de pensar escolástica natureza-graça. Dooyeweerd argumenta que, ao fazer a separação entre as “coisas divinas” e as “coisas mundanas”, o espírito medieval abriu portas para uma concepção de separação entre a religião e a atividade racional, ou uma distinção entre fé e razão em que os dois não se misturam (DOOYEWEERD, 2015). Isso dá lugar ao já mencionado *Dogma da Autonomia da razão*, que “joga para escanteio” a fé como forma de prática privada. Portanto, esse dualismo se configura na modernidade em autores que ora valorizavam a existência de uma natureza humana inata (como Hobbes), e outros que preferiam trabalhar com a liberdade de autonomia da ação humana (como Kant).

Conclusão

Durante a exposição da filosofia de Herman Dooyeweerd, foi possível desbravar uma nova compreensão sobre os limites da razão humana. Visto o pouco conhecimento no Brasil sobre a presente corrente filosófica, busquei apresentar sua principal crítica ao pensamento teórico passando por alguns de seus principais conceitos. A respeito do resultado, pode-se observar a visão dooyeweerdiana da realidade como possibilidade de experiência através das esferas modais, por meio das quais podemos ter uma experiência com o mundo temporal.

Logo após apresentar os problemas reducionistas, expliquei de que maneira as áreas do conhecimento, a Filosofia e a Ciência, estão sujeitas a um ponto de partida base, seja ele reducionista ou não. E por último, busquei mostrar os quatro motivos-base propostos por Dooyeweerd para separar e classificar todas as tensões e tendências religiosas que agem em uma forma de pensar de uma sociedade, dentro de determinados períodos da história.

Referências

DOOYEWEERD, Herman. *A New Critique of Theoretical Thought*. Ontário: Paideia Press, 1984. v. 1.

DOOYEWEERD, Herman. *Estado e soberania*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

DOOYEWEERD, Herman. *No crepúsculo do pensamento ocidental*. Introdução de James K. Smith. Brasília: Monergismo, 2018.

DOOYEWEERD, Herman. *No crepúsculo do pensamento ocidental*. Introdução de Guilherme de Carvalho. São Paulo: Hagnos, 2010.

DOOYEWEERD, Herman. *Raízes da cultura ocidental*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

REICHOW, J. K. *Reformai a vossa mente*. Brasília: Monergismo, 2019.

Notas

- 1 Para uma biografia mais detalhada do autor, cf. Guilherme V. R. de Carvalho, Introdução Editorial: Herman Dooyeweerd, reformador da razão, in: Herman Dooyeweerd, *No Crepúsculo do Pensamento Ocidental: Estudos sobre a Pretensa Autonomia do Pensamento Filosófico*. São Paulo: Hagnos, 2010.
- 2 Entende-se *transcendental* no mesmo sentido kantiano. Apesar de que Dooyeweerd não acredita em uma “razão pura”.
- 3 Herman Dooyeweerd, *A New Critique of Theoretical Thought* (Ontario: Paideia Press, 1984)
- 4 A Reformed Fellowship [Sociedade Reformada] patrocinou uma turnê de conferências em 1959, durante a qual Dooyeweerd viajou pelos Estados Unidos e Canadá. *No Crepúsculo do pensamento Ocidental* baseia-se nesta série de conferências.
- 5 James K. A. Smith, in: Herman Dooyeweerd, *No Crepúsculo do Pensamento Ocidental: Estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico*. Brasília: Monergismo, 2018.
- 6 Ibid.
- 7 Para melhor compreensão, pode-se recorrer ao verbete *Cosmos*, no glossário proposto por Albert Wolters na obra H. Dooyeweerd. *No Crepúsculo do Pensamento Ocidental*. Brasília: Monergismo, 2018, p. 251.
- 8 Cf. *Ibid.*, p. 250, 252, os verbetes *Ego* e *Coração* respectivamente.
- 9 “Reduzir alguma coisa a outra é dar uma explicação teórica da primeira em termos da segunda”. (*Ibid.*, p. 266)
- 10 Dooyeweerd apresenta sua crítica ao historicismo em *No Crepúsculo do Pensamento Ocidental*, Monergismo, 2018. Josué K. Reichow comenta o biologismo em *Reformai a vossa mente*, Monergismo, 2019.
- 11 Josué K. Reichow, *Reformai a vossa mente: A Filosofia Cristã de Herman Dooyeweerd*. Brasília: Monergismo, 2019, p. 79.

-
- ¹² “Todos esses aspectos da nossa experiência e existência dentro da ordem do tempo, contudo, relacionam-se com a unidade central de nossa consciência, a qual denominamos *eu*, ou *ego*. *Eu* experimento e eu existo, e este *eu* ultrapassa a diversidade de aspectos que a vida humana apresenta dentro da ordem temporal. O ego não deve ser determinado por nenhum aspecto de nossa experiência temporal, uma vez que é o ponto de referência central de todos eles. Se lhes faltasse esse *eu* central, o homem não poderia, de fato, ter nenhuma experiência”. (Dooyeweerd, 2018. p. 230)
- ¹³ Glossário de Albert Wolters in: Herman Dooyeweerd, *No Crepúsculo do Pensamento Ocidental*. Monergismo, 2018, p. 251.
- ¹⁴ “Um lugar seguro para permanecer; um ponto vantajoso a partir do qual todas as coisas podem ser vistas na perspectiva correta”. *Ibid.*, p. 264.
- ¹⁵ *Ibid.*, p. 262.
- ¹⁶ Herman Dooyeweerd, *No Crepúsculo do Pensamento Ocidental*. Brasília: Monergismo, 2018, p. 53.